

# Bancada alagoana não cede ao votar

10 MAR 1991

CORREIO BRAZILIENSE

## Cezar Motta

De todas as bancadas estaduais no Congresso Nacional, a mais previsível é a de Alagoas. Em sua própria terra, o presidente da República tem sete votos absolutamente fiéis, quatro intransigentemente oposicionistas e um independente, ou em cima do muro, dependendo de quem faça a avaliação. E em todas as votações feitas até agora, as participações da bancada alagoana têm sido exatamente conforme as expectativas.

São governistas fiéis o senador Guilherme Palmeira (PFL) e os deputados Augusto Farias, Luís Dantas, Vitorino Malta, Cleto Falcão, Antônio Hollanda e Roberto Torres. São oposicionistas ferrenhos o senador Divaldo Suruagy e os deputados Mendonça Neto (PDT), Olavo Calheiros, hoje sem partido, e José Thomaz Nonô (ex-PFL e a caminho do PMDB). Olavo Calheiros saiu do PRN pelo qual se elegeu, na semana passada, enquanto Nonô também abandonou o PFL por sentir-se sem espaço na legenda governista. Mesmo os que hoje são inimigos de Collor, à exceção de Nonô, já foram seus aliados. Mendonça Neto foi secretário de Planejamento, e Suruagy um dos iniciadores de Collor na política. O independente, ou em cima do muro, é o senador Teotônio Vilela Filho, do PSDB.

**Bastidores** A bancada collorida de Alagoas não tem, até o momento, apresentado um trabalho de destaque no Congresso, à exceção do senador Guilherme Palmeira, que é ativo em articulações e negociações dentro do seu partido, o PFL. Entre os deputados, a votação tem sido rigidamente fiel ao que interessa do Governo. A exceção, neste caso, fica por conta de Cleto Falcão, cuja primeira votação foi a desta semana que termina, quando votou contra o projeto Nelson Jobim que regulamenta o uso de medidas provisórias. Nas grandes votações da semana anterior, das medidas provisórias 294 e 295, o deputado estava às voltas com uma cirurgia de varizes e hemorróidas, da qual só se recuperou esta semana.

Pernambucano, 38 anos, Cleto era um dos principais amigos do presidente Fernando Collor de Mello durante a campanha de 1989. Na ocasião era deputado estadual, e inclusive fez parte do Grupo da China — grupo de amigos que, em viagem à China em 1987, lançou a candidatura do

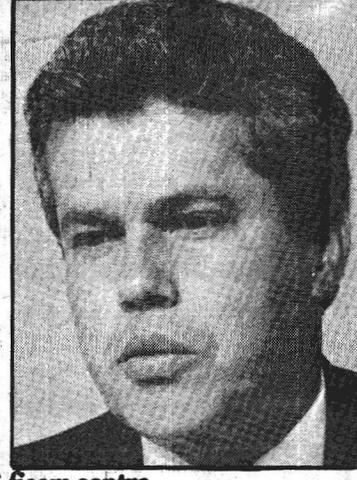
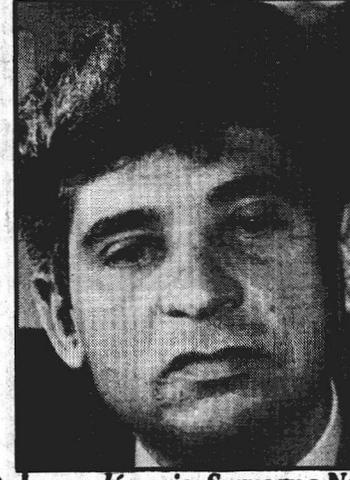
governador Fernando Collor à Presidência da República. Foi Cleto quem conseguiu a moto Kawasaki Ninja e o jet-sky com que o Presidente se exibiu em uma das fases do seu Governo. As relações entre o Presidente e Cleto Falcão se estremeceram um pouco durante a campanha eleitoral do ano passado, quando o então deputado estadual ameaçou acompanhar Renan Calheiros em seus ataques à atuação do empresário Paulo César Farias e de setores do governo Collor em benefício da candidatura de Geraldo Bulhões.

Cleto Falcão teve problemas financeiros decorrentes da campanha, que foi muito cara. Vendeu a casa que possuía em Brasília e mora atualmente no hotel Kubitschek Plaza e hoje está novamente muito próximo de Collor, com quem conversa quase diariamente pessoalmente ou por telefone.

“Não considero que o Presidente esteja isolado. O que acontece é que uma parte de sua base parlamentar ainda tenta manter com o Planalto um relacionamento à base da fisiologismo. E o Presidente veio para mudar isto, para mudar os hábitos políticos viciados, antiéticos”, analisa Cleto.

O deputado diz ainda que a equipe econômica “tem procurado acertar, faz um esforço muito grande, mas a cobrança que se faz ao governo Collor é imensa, é terrível, é maior até do que a que se fez a qualquer um dos governos militares”. Para Cleto Falcão, está havendo gradualmente um entendimento entre o Presidente e o Congresso, as razões de Estado que se colocam são aos poucos absorvidas pelos políticos mais antigos. “A verdade é que há os que estão preocupados com o País, estão dispostos a endireitar as coisas, e os que se preocupam apenas com seus próprios interesses, pessoais ou corporativos”, diz Cleto.

Olavo Calheiros desligou-se do PRN e rompeu com o Governo, solidário com o irmão, Renan Calheiros. Foi secretário de Agricultura de Collor e acha que o Governo está “completamente perdido”. “O Presidente agora virou místico. Para todas as decisões que toma, consulta antes um macumbeiro”, acusa. Calheiros diz que Collor “desviou-se inteiramente dos rumos iniciais do Governo, cedeu ao fisiologismo e ao misticismo e não ouviu mais ninguém”.



Cleto voltou às boas e dá apoio; Suruagy e Nonô ficam contra